

Etnólogo denuncia genocídio no Brasil

GENEVA — O etnólogo suíço René Fuerst, que participa da Conferência sobre a Discriminação dos Povos Aborígenes, que se realiza no Palácio da ONU, em Genebra, acusou ontem o Brasil e os Estados Unidos de praticarem o genocídio contra as populações indígenas.

Acentuando que cerca de um milhão de índios brasileiros correm perigo de aniquilação, Fuerst declarou que o governo brasileiro toma arbitrariamente as terras indígenas e decide so-

bre o futuro dos índios sem sequer ouvir a opinião dos interessados.

Segundo o etnólogo, o Brasil, além de não tratar os índios como adultos, foi o único país a negar visto de saída a uma representação indígena que pretendia assistir à conferência de Genebra. Por sua vez, o presidente do Conselho Indígena Internacional, Russel Means, acusou os Estados Unidos de pretenderem exterminar os índios, esterelizando-os contra sua vontade.

Albuquerque Lima defende a Funai

O ex-ministro do Interior, general Afonso Augusto de Albuquerque Lima, defendeu ontem na Câmara a reorganização da Funai e ampla reciclagem na sua política, ressaltando não admitir e nem compreender as violentas e indelicadas críticas contra a instituição, por ser daqueles que considera haver conserto para tudo.

Ao depor na CPI do Índio, o fundador da Funai garantiu que ela ainda é capaz de promover o bem-estar do silvícola e de cumprir com todo o ideário que deu origem à sua constituição, bastando para tal que os homens que a dirigem desempenhem bem suas funções.

Albuquerque Lima, respondendo ao deputado Israel Dias Novaes, considerou "um verdadeiro desastre" o deslocamento da Funai do Ministério do Interior para qualquer outra instância governamental, explicando que a questão indígena se enquadra perfeitamente dentro das atribuições e competência da pasta.